

ESCOLA, ESPORTE E SOCIEDADE: A EXPERIÊNCIA DE ALUNOS ATLETAS COM O ENSINO DE SOCIOLOGIA

Arthur Eduardo Tozo de Paula, Universidade Estadual de Maringá (Aluno de Ciências Sociais e bolsista do PIBID, ra124644@uem.br)

Fagner Carniel, Universidade Estadual de Maringá (Coordenador PIBID, Departamento de Ciências Sociais/UEM, fcarniel@uem.br)

RESUMO:

Este relato de experiência procura problematizar a relação de alunos atletas com a formação escolar que lhes é oferecida. A narrativa fundamenta-se em experiências escolares vivenciadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de Ciências Sociais de que faço parte desde 2024. O colégio em que realizo minhas atividades localiza-se perto de uma das principais escolas de futebol da cidade, a “escolinha do Galo Maringá”, que cobra de seus atletas sub-14 ao sub-16 a matrícula na Educação Básica e um bom desempenho escolar. Afinal, para conseguir participar dos treinos é preciso apresentar trimestralmente os boletins escolares e justificar suas notas. Ao acompanhar o cotidiano escolar e esportivo desses alunos atletas, procuro refletir sobre como o ensino de Sociologia pode dialogar produtivamente com as experiências e vivências desses jovens atletas. Do ponto de vista teórico, a análise dessas experiências que acompanhei inspira-se nas concepções freirianas a respeito do necessário caráter dialógico, reflexivo e crítico de uma educação libertadora. Portanto, este relato problematiza caminhos potenciais para o uso do esporte nas aulas de Sociologia. Assim, quem sabe, seja possível começar a rearticular os conteúdos curriculares com os sonhos, expectativas e vivências desses alunos atletas.

Palavras chaves: Alunos atletas, PIBID, Relação escola-esporte, Educação Dialógica, Ensino de Sociologia.

• INTRODUÇÃO

Este relato de experiência tem como objetivo explorar a interseção entre o ensino de Sociologia e a realidade de jovens atletas, uma curiosidade que surgiu durante minha atuação como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) de Sociologia na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Para tanto, utilizei anotações de um diário de campo, que me acompanhou em todas as atividades do programa, especialmente nas observações em sala de aula. Minha imersão no cotidiano de um colégio com alunos atletas – jovens que conciliam a rotina escolar com o vínculo a clubes esportivos, regando suas vidas para otimizar o desempenho físico – revelou aprendizados valiosos sobre a realidade, as experiências e as expectativas desses alunos atletas sobre a escola.

No Colégio Branca da Mota Fernandes, em Maringá-PR, meu “observatório” privilegiado, percebi que muitos desses jovens atletas não vislumbravam o ensino superior, pois seu foco principal era a carreira no futebol. Essa constatação me instigou a refletir sobre como o ensino de Sociologia poderia dialogar com essa realidade. Inspirado pelas perspectivas freireanas, este relato busca traçar um caminho para o ensino de Sociologia conectado ao esporte, visando sempre o desenvolvimento de um pensamento crítico e uma educação verdadeiramente libertadora.

• RELATO

Em meu trabalho de campo, confesso que me identifiquei com esses alunos atletas; afinal, quem nunca sonhou em ser jogador de futebol, vôlei ou handebol? Por um tempo, o futsal também foi um grande sonho para mim. Minha chegada ao Colégio Branca da Mota Fernandes foi marcada por entusiasmo, pois já conhecia a rica história da instituição no esporte juvenil da cidade. Logo na entrada, notei o orgulho com que essa história é carregada: uma grande vitrine repleta de medalhas e troféus de todos os tamanhos e épocas, evidenciando um colégio que caminha lado a lado com o esporte. Essa foi minha primeira anotação em campo.

Ouvi a diretora falar sobre seus alunos e destacar a parceria com a “escolinha Aruku”, uma escola de futebol da cidade. Com orgulho, ela nos informou que os alunos atletas da instituição vêm de diversas partes do mundo, mencionando com orgulho a presença de venezuelanos e até coreanos. Essa escolinha, recentemente adquirida pelo clube de futebol Galo Maringá e agora denominada “Escolinha do Galo Maringá”, recruta atletas e os encaminha para concluir a educação básica no Colégio Branca da Mota Fernandes. A diretora enfatizou que o clube exige um bom desempenho escolar dos alunos participantes, monitorando-o periodicamente por meio de boletins e da plataforma de matérias, onde as notas das avaliações são disponibilizadas no Classroom.

No colégio, acompanhei o dia a dia de alunos do ensino médio em suas duas aulas de quarta-feira. Na primeira turma que observei, havia um aluno atleta vindo de outro país, conforme mencionado pela diretora. Ele ainda não havia aprendido a língua portuguesa, e os professores e colegas, por sua vez, não dominavam a língua dele. Evidentemente, ele ficava excluído da maioria das aulas e do conteúdo escolar – menos educação física, quando sempre desejavam sua participação. Mesmo assim, a interação com os colegas não parecia ser tão prejudicada, sobretudo nos momentos de socialização da turma – utilizavam constantemente o ChatGPT para se comunicar –, ainda mais com alguém que “joga tão bem”, como me explicou um de seus colegas.

Lembro-me, inclusive, de que sempre me perguntavam se eu jogava bola, e eu sempre respondia que sim. Esse fato fortaleceu minha interação com os meninos da sala, que logo me confidenciaram frases que se tornaram o ponto de partida para problematizar o diálogo entre o ensino de Sociologia e as experiências vivenciadas por esses alunos atletas.

Em outra turma, conversei com um jovem de 16 anos que jogava pelo Galo Maringá, no sub-20. Ele estava revoltado por ter perdido uma avaliação, pois havia passado uma semana em concentração para um jogo em uma cidade vizinha, e o colégio não permitiu que ele fizesse a prova em outra data. Ele insistiu na importância

de fazer a prova. Questionei-o sobre o porquê de tanta importância, e ele me respondeu que, sem a nota, não jogaria o próximo jogo. Perguntei se ele tinha planos de fazer uma faculdade no futuro, já que estava no segundo ano. A resposta veio sem hesitação e com um sorriso, como se a resposta fosse óbvia: “Professor, eu jogo bola para não fazer faculdade, tá doido?”.

Confesso que travei e não consegui responder na hora. Peguei-me pensando em quando deixei de ter o sonho de ser jogador de futebol e optei pela docência. Tentei refazer esse caminho e encontrei a resposta lendo Paulo Freire. Quando conheci a Sociologia no ensino médio, eu enfrentava um medo que talvez seja o deles também: “Qual curso você quer, Arthur?”.

Era apenas mais um jovem que cresceu vendo o “país do futebol” e o clima dos campeonatos nacionais e dos mundiais contagiarem meus colegas, todos com o mesmo sonho de sucesso no futsal, embora nosso maior sonho nunca tenha passado de “ganhar uma Copa Unimed” – campeonato local para equipes não-profissionais de futsal. Por sorte, o ensino de Sociologia se fez presente em minha vida com duas aulas por semana, com a professora Laís. Com cuidado, ela estabeleceu um diálogo entre os esportes e a criação de pensamento crítico. Assim, penso que essa professora conseguiu ir criando em mim um sentimento de pertencimento dentro do mundo das Ciências Sociais, tornando magnífico entender a Indústria Cultural ou a política dentro de uma sociedade.

A Sociologia do Esporte, como campo de estudo, oferece um vasto repertório para enriquecer a experiência educacional desses alunos. Podemos explorar, por exemplo, como o esporte atua enquanto um agente de socialização, moldando gostos, identidades e valores. A análise da indústria cultural do esporte, com seus ídolos, patrocínios e a construção de narrativas midiáticas, permite desvendar os mecanismos de espetacularização, consumo e alienação a partir da transformação das mais diversas modalidades em mercadorias. Discutir as políticas engendradas pelo esporte, desde as grandes federações até as relações de poder dentro dos clubes, que historicamente organizam formas de trabalho e remuneração ou mesmo quem pode participar e quem não pode do universo dos esportes, também detém o potencial de empoderar os alunos a compreender as relações mais amplas entre esporte e sociedade e se posicionarem de forma mais consciente diante de suas carreiras e vidas.

Além disso, a Sociologia pode ajudar a desmistificar a ideia de que o sucesso e o mérito individual no esporte seriam os únicos ou os melhores caminhos. Ao problematizar a ideologia neoliberal que atravessa o mundo do trabalho no esporte ou mesmo apresentar outras possibilidades de atuação profissional e pessoal dentro e fora do universo esportivo – como gestão esportiva, jornalismo, psicologia do esporte, ou até mesmo o empreendedorismo social – a educação se torna um horizonte de crítico, emancipador e empoderador, e não uma via única. Isso não significa desvalorizar o sonho de ser atleta, mas sim expandir o repertório de vida desses jovens, munindo-os de ferramentas para lidar com as incertezas e as transições que a vida lhes apresentará.

Reviver tudo isso dentro de um colégio onde agora sou chamado de professor me mostrou que posso fazer a diferença, realmente oferecendo uma segunda opção para esses alunos atletas. A rotina de atletas é árdua e exige disciplina. Não busco

desanimá-los de seus sonhos, mas sim mostrar que existem outras opções dentro da educação. Quando falo em buscar uma educação libertadora (Paulo Freire, 1974) por meio do diálogo, procuro dizer que o ensino desses jovens atletas não está sendo visto como importante por eles. Eles consideram as notas essenciais apenas para poderem se dedicar ao mundo do esporte, fazendo com que a educação oferecida pelo corpo docente seja apenas uma “educação bancária”, algo que lhes é oferecido, mas que não gera frutos significativos.

Desse modo, entendo que os alunos atletas devem ser “encantados” com o ensino, fazendo com que a educação seja algo gratificante e que dialogue com a realidade, visando uma transformação social.

• CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, concluo este relato afirmando que busco seguir uma frase bem conhecida de Paulo Freire(2018): “a escola é o lugar de fazer amigos”. Procuro fazer com que o ensino seja leve a ponto de ensinar e, fazendo amigos, caminhar juntos. O Pibid-UEM me ajudou a centralizar meus sonhos, tanto os de criança quanto os de profissão. Hoje, consigo dizer que meus sonhos se encontram nesses alunos atletas do Colégio Branca da Mota Fernandes.

A convivência escolar me mostrou que a Sociologia é a matéria mais interessante da escola (cf. Carniel e Ruggi, 2015), pois tornou possível abordar atividades que ajudam a pensar o mundo social, desvelando desigualdades, assimetrias e injustiças com rigor, criticidade e engajamento, mas também ajudam na formação de sonhos e horizontes de futuro – os pilares de uma educação engajada e libertadora. Assim, as atividades propostas em sala de aula e as reuniões de alinhamento com os colegas pibidianos me forneceram os ensinamentos necessários para discutir como o ensino de Sociologia constrói uma relação com a educação dialógica, crucial para a realidade dos alunos atletas e para o entendimento das relações entre esporte e sociedade.

REFERENCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 46. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

CARNIEL, Fagner; RUGGI, Lennita Oliveira. De sociólogo e de louco todo mundo tem um pouco: ou porque a sociologia é a disciplina mais legal da escola. **Revista Linhas**, v. 16, n. 30, p. 235–247, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.